

Tecendo margens no oceano Índico: Paz, Justiça social e Mulheres de Moçambique e Timor-Leste

Teresa Cunha¹

Durante mais de quatro séculos, Moçambique e Timor-Leste, foram as duas mais distantes margens imperiais do poder Português no longínquo Oceano Índico. Após as independências dos dois países, estas margens parecem ter perdido qualquer relação para além do seu passado colonial.

Em primeiro lugar, é meu propósito tomar em consideração que o período colonial de Moçambique e Timor-Leste aconteceu num milénar, complexo e consolidado espaço transnacional, num mundo cultural sofisticado e numa economia integrada que constitui e alimenta rotas cosmopolitas de comércio, intercâmbios sociais e científicos, idiosincrasias, peregrinações e visões religiosas milenares, relações políticas de impacto planetário. Assim, o Oceano Índico que se estende da Península Arábica ao Mar de Sunda parece constituir-se como um espaço-tempo do maior interesse para uma compreensão inovadora de um pensamento pós-colonial que envolva Moçambique e Timor-Leste.

Para além desta amplificação analítica parece-me que a intencionalidade colocada em qualquer ensaio de descolonização do pensamento não subsuma, nela e de novo, as subjectividades e identidades sexuais e de género. Ainda é dominante que as mulheres e a sua força e participação na história, as suas funções e tarefas nestas sociedades, as suas tecnologias de conhecimento, a sua capacidade de resistência e de criação, a sua própria existência tenham sido e sejam ainda e, em grande medida, consideradas invisíveis, subalternas, de menor interesse e até, descartáveis. E, quando aparecem à superfície da história, nas ciências sociais ou estudos culturais, elas são mais vítimas do que energia humana, força, inteligência, actrizes e fazedoras indispensáveis das pluriversais e profundas realidades sociais e epistemológicas.

Pode-se assim dizer que neste quadro analítico, as mulheres têm sido criadas como uma dupla marginalidade: são mulheres, por um lado, e por outro lado, são as mulheres daquelas margens remotas do Grande Oceano Índico.

Este é o quadro geral do projecto de investigação-acção que aqui sem vem apresentar e colocar em debate.

Fios da urdidura do pano de fundo

Entre 1964 e 1975, Moçambique levou a cabo a Guerra de Libertação contra o regime colonial Português seguindo-se a sua independência política em 25 de Junho de 1975. O novo país independente, rapidamente se vê envolvido num novo conflito armado que durou até 1992. Estas guerras resultaram numa enorme perda de vidas humanas, deslocação em massa de populações, milhões de refugiados nos países vizinhos, fome generalizada, destruição de infra-estruturas e da rede produtiva suscitando, ainda, enormes transformações sociais e políticas. Hoje, o regime político é considerado estável e a Guerra parece não ser opção para o Povo Moçambicano.

É por essa razão que nós estamos a dizer, estamos a desenhar na nossa conferência de imprensa, para dizer ao povo, a guerra acabou. Só as pessoas de má fé, é que podem criar a guerra, existir. Nós, pra nós já está fora de hipótese.²

Timor-Leste em 7 de Dezembro de 1975, depois de uma malograda proclamação unilateral da independência, com as tropas da administração portuguesa refugiadas na Ilha de Ataúro ao largo de Dili, foi invadido e ocupado militarmente pela Indonésia. Durante os 24 anos que se seguiram, pelo menos um terço da população, cerca de 200 000 pessoas, morreu em consequência directa e indirecta da Guerra. Como em outros palcos de conflito bélico, as populações foram forçadas a viver em aldeias estratégicas

¹ Universidade de Coimbra

² Palavras de Banito Carolina presidente da AMOSDEG. Entrevista feita e gravada por Teresa Amal, 2008.

longe do seu lugar de origem, a fome generalizou-se e foi implementado um programa extensivo de esterilização das mulheres Timores. Ao longo da Guerra uma pequena comunidade de Timorenses instalou-se em Moçambique e foi, em Maputo, a capital independente, que se consolidou uma das mais importantes bases políticas de apoio à luta pela independência de Timor-Leste. Depois da independência política *restaurada* a 20 de Maio de 2002, sob o auspício das Nações Unidas, o país tem vivido vários episódios de violência e instabilidade, nomeadamente em 2004 e 2006.

Para além de todas estas profundas alterações políticas e sociais ocorridas em cerca de três décadas, a liberalização global da economia acompanhada pelas imposições dos Ajustamentos Estruturais prescritos e impostos pelo Banco Mundial e Fundo Monetário Internacional a ambos os países alterou, de forma determinante, os contextos concretos de vida das pessoas. Parece pois, ser acertado afirmar, que os impactos locais e biográficos das Guerras e dos processos Nacionalistas pela a Independência política, a globalização financeira neo-liberal, das comunicações e da mobilidade humana marcam, profundamente, o imaginário social, histórico, cultural e político assim como as referências e significados atribuídos aos grupos, às identidades, aos diferentes agentes sociais e, de uma forma particular, às identidades de género.

Assim, é importante sublinhar que a Luta e a construção do País independente tem vindo a exigir às mulheres que contribuam, como qualquer outra pessoa, para os interesses nacionalistas comuns. Algumas mulheres foram chamadas a desenvolver tarefas que dantes não lhes eram confiadas e militarizaram as suas vidas como nos lembram as palavras de Maria do Céu:

*(...) nós tínhamos que trabalhar juntamente com os homens porque tínhamos homens da Rádio-Técnica em cima Moamba, quando o inimigo quisesse-nos atacar como por exemplo África do Sul quando já estava em conflito com Moçambique por causa dos refugiados que estavam aqui. Ficávamos na realidade nas patrulha durante toda noite até amanhecer com os homens no mato*³.

Por outro lado, inúmeras competências vistas e concebidas como responsabilidades e deveres femininos na esfera do privado, como prover à alimentação, cuidar de doentes e das crianças, a organização de despensas, abastecimento e distribuição de recursos de primeira necessidade, tornaram-se tarefas de interesse público como recorda Maria do Céu.

(...) administração que... abastecimento militar, tinha que, tenho hum... tinha 3 secções: abastecimento de fardamento, alimentação, combustível, estava na minha responsabilidade.

Para além de tudo isto, às mulheres coube viver alguns dos mais dramáticos mas silenciados episódios das Guerras e dos tempos conturbados que lhes seguiram, como o é a *estória* de Guilhermina:

(...) na minha zona de nascência há uma miúda que brincava com as minhas irmãs mais novas, chamada Guilhermina. Essa moça estava casada oficialmente, casou-se oficialmente. A moça sai, vai pra casa dos pais na minha zona. Quando foi pra casa dos pais, nesse dia os nossos companheiros, entraram, ocuparam o meu distrito de ponta pra ponta. Foram raptadas juntamente com os pais, foram. Quando foram, o pai é que conseguiu fugir, as mulheres morreram e a Guilhermina ficou lá, a irmã mais nova também fugiu. A Guilhermina ficou lá arranjou um homem lá, voltou depois da Paz com 2 filhos. (...) Sofriam muito. Imagina, eu ir amar um homem que não lhe amo, hum? Hum, hum, não me cabe bem, eu não amo aquele homem, mas sou obrigada a ser meu marido sem lhe querer.

Podemos dizer que as profundas turbulências trazidas pelo longo ciclo colonial português, o nacionalismo, as guerras e o prolongado envolvimento e participação das mulheres em todas estes percursos e realidades acelerou a emergência de sofrimentos mas também de transgressões e espaços de

³ Palavras de Maria do Céu Chambal da AMOSDEG. Entrevista feita e gravada por Teresa Amal, 2008.

reconfiguração da feminilidade. As culturas, as sociedades e as mulheres em especial, usaram muitas dinâmicas opressivas recriando e reinventando novos significados dos poderes das mulheres, autoridade e emancipação. Ouça-se Maria do Céu dizê-lo com palavras claras e sem incómodo:

(...) As minhas ordens também cumpriam porque era chefe, eles dependiam de mim.

(...) Sim, eu tinha uma patência alta em relação aos homens todo que estavam aí. Eu tinha, era capitã, agora os homens eram sargentos, esses que davam instrução, mas nem o outro chefe da instrução que era meu colega tinha a mesma patência ele respeitava-nos e nós também respeitávamos nele.

(...) Ah marido, não quero, esses maridos de agora são chuladores, são para, gostam de chular. Eu vejo meninas de agora passam mal com os jovens, agora apanhar esses madalas aqui pior.

Através das palavras de muitas mulheres podemos perceber como foram criando novas ideias e fracturas com o *status quo*. As suas memórias, os seus conhecimentos, as suas ferramentas sociais e pessoais, as suas subjectividades estão ancoradas nesta realidade complexa mas inteiramente concreta⁴.

Deste modo, a pesquisa exploratória já realizada, permite afirmar que sem a permanente e decisiva e participação das mulheres, é impossível compreender Moçambique e Timor-Leste, como países independentes inscritos nas periferias contemporâneas do Oceano Índico. Apesar do silêncio e da invisibilidade epistemológica que ainda predomina, de facto, as mulheres participaram de forma crucial nas lutas políticas e militares contra o colonialismo e a ocupação Portuguesa, na construção da Nação depois da independência política assim como nos conflitos violentos que se lhe seguiram e, finalmente, nos complexos processos de pacificação e de paz em ambos os países, Moçambique e Timor-Leste⁵.

Mas apesar desta herança histórica concreta e de todas as celebrações justas e incontornáveis que ela suscita, a larga maioria destas mulheres estão hoje entre as pessoas mais vulneráveis à pobreza, à iliteracia escolar, ao HIV-SIDA e outras pandemias, assim como, a todo o tipo de injustiças sociais, culturais económicas e políticas.

No entanto, e usando para os nosso propósito a bela canção Macua

*Os pássaros voam, indo assim além,
Os pássaros voam, indo assim além.
Minha mãe dizia, os pássaros voam,
No dia em que eu morrer, os pássaros voam,
Vai ao poente, os pássaros voam,
Chamada Niworocha, os pássaros voam,
outra é Makorocha, os pássaros voam.⁶*

Propomos que a análise vá *indo além* pois estas mesmas mulheres e muitas outras que lhes sucederam não se deixaram mumificar e vitimizar a ponto de só esperarem pela salvação que alguém lhes havia ou há-de trazer. Pelo contrário. A observação e os estudos efectuados sobre as realidades destes países sugerem que a maioria destas mulheres empobrecidas e vulneráveis continuam a reinventar espaços de participação e luta para intervirem e reforçarem a sua autoridade e os seus Direitos Humanos tanto na vida privada como na vida pública desafiando novos e velhos poderes e opressões.

⁴ Tendo esta apresentação sido anteriormente feita em Maputo, recorro, sobretudo, a palavras e discursos das mulheres homens Moçambicanas. Porém, testemunhos idênticos podem ser facilmente encontrados em obras como Amal, 2007, Winter, 1999, GAPI, 2002 entre muitas outras. O estudo das narrativas e outros matérias em ambos os países, mostram um padrão semelhante de envolvimento, participação e sofrimento das mulheres nas Guerras e na Lutas Nacionais de Libertação.

⁵ Manceaux, 1976; Winters, 1999; Arnfred, 2002; GAPI, 2002; Osório, 2002; Casimiro, 2004; Mason, 2005; Cunha, 2006.

⁶ Fuchs, Elisa ed. 1992, *Contos Macuas*, Maputo: Associação dos Amigos da Ilha de Moçambique, p. 46.

Fios e tecituras: questões a estudar e hipóteses de trabalho

A apresentação deste projecto de pesquisa, parte das seguintes questões:

- a) As mulheres de Moçambique e Timor-Leste estão convencidas que o futuro pacífico dos seus países está fortemente relacionado com o pleno reconhecimento dos seus Direitos Humanos e não estão dispostas a desistir daquele conjunto de direitos que formalmente adquiriram depois da Libertação e Independência. Ao contrário, elas estão a imaginar e a pôr em prática novas formas de participação nas suas sociedades. Por outro lado elas têm vindo a desafiar os diversos mecanismos de dominação patriarcal remanescentes e, ao mesmo tempo, o pensamento feminista e pós-colonial dominante⁷.
- b) As mulheres destes dois países estão especialmente envolvidas no sector económico chamado informal, desempenhando papeis diversificados desde vendedeiras de proximidade e longo curso, intermediárias e empresárias, desenvolvendo novos e velhos negócios contribuindo de forma decisiva para os rendimentos das famílias e para a riqueza real dos países⁸. Ao mesmo tempo, o florescimento e diversidade das iniciativas associativas de base de mulheres e a sua capacidade de dissensão face à ordem oficial e aos pré-conceitos de emancipação feminina veiculados por sectores e actores globais dominantes – Agências da ONU, ONG Internacionais, a *femocracia* feminista do *Norte Global* como Mohanty a denomina, entre outros - constitui um maravilhoso campo de pesquisa e inspiração para formular novas análises, novas formas de resistência, de garantia de Direitos Humanos das mulheres e da melhoria das condições concretas de vida das mulheres e dos homens⁹. Contudo, é necessário sublinhar, que todas estas actividades, construídos¹⁰ de alternativas e inéditos viáveis, trouxeram para dentro da vida das mulheres novas formas de violência que devem ser identificadas, tematizadas, compreendidas e combatidas. Por outro lado, estas esferas de protagonismo das mulheres também renovaram e fizeram emergir novas legitimidades e sistemas de autoridade praticados por elas que nem sempre incluem a resolução pacífica dos conflitos nas diversas esferas da vida que, da mesma forma, não podem ser subestimadas ou negligenciadas.
- c) Neste contexto complexo - pós-bélico e pós-independência - as mulheres têm tecido a sua própria narrativa, imaginado acções e criando um pensamento crítico que se manifesta como um movimento que transita, a maioria das vezes, entre consentir – resistir – revoltar-se. É neste dinamismo ambivalente que se inscreve o notável potencial heurístico das suas narrativas e experiências que pode ser determinante para o pensamento sociológico contemporâneo que procura os novos termos da emancipação social na era das globalizações¹¹ e da profunda crise do sistema capitalista financeiro.
- d) Estes dois países pertencem a este enorme e complexo espaço de relações políticas, sociais, culturais e económicas de duração milenar que é o Oceano Índico. Uma compreensão crítica dos direitos humanos das mulheres, de uma paz duradoura e um desenvolvimento responsável, solidário e sustentável, ou seja, capaz de gerar e alimentar o bem-viver de todas as criaturas, necessita de ter em conta a existência deste imenso espaço do Oceano Índico que, para além do ciclo colonial mercantilista ocidental, tem inscrita na sua história uma milenar e consolidada experiência de sistemas económicos e tributários integrados, de trocas culturais e comerciais cosmopolitas, de interpenetração de conhecimentos e línguas, de intensas movimentações humanas, de projectos políticos à escala do planeta. Percorrida e analisada a literatura produzida a partir do Oceano Índico podemos ver essa

⁷ Não sendo objectivo deste trabalho fazer uma discussão teórica sobre pós-colonialismo, penso ser importante, no entanto, indicar, sucintamente, o marco teórico que estou utilizando. O uso do conceito de 'pós-colonialismo' tem vindo a tornar-se problemático uma vez que como, Santos, 2004, Meneses, 2003 e Quijano, 2000, entre outras e outros autores notam, uma sociedade colonizada pode tornar-se politicamente independente mas as racionalidades, o imaginário e a colonialidade do poder e do conhecimento podem permanecer inscritos e operacionais, de forma mais ou menos explícita, nas relações sociais vigentes. Deste modo, o conceito de pós-colonialismo carece de debate, esclarecimentos e de uma contextualização reforçada por uma epistemologia nova e crítica.

⁸ RDTL-GPI 2003: 13; Osório 2002; Cruz e Silva 2002; Osório; Temba 2003; da Silva 2003; Casimiro 2004.

⁹ Ver, entre outras, Casimiro 2004; Osório 2002; Irena Cristalis 2002; Osório e Temba 2003; Silva, 2003; Arnfred 2002 e 2003; Fleschenberg 2003; 2005; Mason 2005 e Amal 2007.

¹⁰ Valho-me da plasticidade que a Língua Portuguesa apresenta, falada e pensada a partir da diversidade de lugares no Mundo usando a nosso favor este substantivo tão forte quanto bizarro para a ortodoxia linguística como signo de dissenso e criatividade.

¹¹ Boaventura de Sousa Santos (2001) na sua análise sobre os processo de globalização em curso mostra que há várias dinâmicas de carácter planetário de uma enorme complexidade. A sua proposta teórica suscita uma compreensão da globalização como um fenómeno pluriverso, não linear e em múltiplos sentidos.

intensa vivacidade do Oceano Índico –displícitemente na maioria da literatura do norte ocidental - que nos leva da China a Ternate, de Gujrate à Pérsia, de Mombaça a Malaca, de Sofala a Calecute, de Maputo a Dili.

É importante sublinhar que a expressiva persistência dos intercâmbios de pessoas, ideias e comércio, suscitadas pelas dinâmicas do Oceano Índico, penetraram a África continental até ao Congo Oriental e mantiveram rotas ancestrais de comércio e peregrinação entre o Mediterrâneo e a Península Arábica. Na costa oriental de África, onde se situa Moçambique, providenciou oportunidades para construir e manter portos marítimos que eram e são usados regularmente por embarcações que navegam por toda a região. Abdul Sheriff argumenta que, desde o século oitavo da era cristã, se pode dizer que existe um sistema económico mundial integrado do Mediterrâneo ao Oceano Pacífico cujo centro é a navegação do Oceano Índico ¹².

- e) O estudo será apoiado, metodologicamente, na pesquisa teórica e na construção cooperativa de histórias de vida e narrativas biográficas de mulheres e homens. O trabalho de campo será levado a cabo em dois tipos de lugares nos dois países. Por um lado as duas capitais, Maputo e Dili. Por outro lado, em Moçambique o distrito de Angoche, Província de Nampula e, em Timor-Leste os Distritos da Maliana e Cova Lima. Esta opção vai permitir potenciar, diferenciadamente, a discursividade e a experiencialidade de mulheres e homens, trazendo à colação analítica, teórica e empírica tópicos como: sociedades matrilineares, tensões e continuidades entre urbano e rural, articulações e complementaridades entre modernidade e tradição e a influência do Islão nos quotidianos e estratégias das mulheres.

Tendo em consideração as questões acima tratadas, formulamos as seguintes hipóteses de trabalho centrais:

1. Os papéis desempenhados pelas mulheres na economia informal¹³ e no associativismo de base popular assumem especificidades e complexidades não apenas com base na distribuição sexual do trabalho mas também integram memórias e experiências coloniais e não-coloniais específicas dos dois países
2. O trabalho em rede é crucial para compreender a força, a criatividade e os impactos nas vidas e nas subjectividades das mulheres dos dois países das suas actividades na economia e associativismo.
3. Um pensamento feminista produzido a partir do *Sul*, pluriversal, atento às experiências e realidades concretas destas mulheres, apesar de activamente marginalizadas, poderá constituir-se como uma ferramenta determinante de uma ordem política *Outra*.
4. O prolongado ciclo colonial português e a inscrição dos dois países nas periferias do sistema gerado e mantido no Oceano Índico, marca, indelevelmente, a procura e a produção epistemológicas e isso é condição para produzir um pensamento inovador sobre feminismo, pós-colonialismo e globalização.
5. Uma compreensão mais alargada da ancoragem histórica, cultural e económica de Moçambique e Timor-Leste também beneficia duma procura de relações próximas e longínquas dos Povos constituintes dos dois países potenciando a sua capacidade para pensar um futuro diferenciado mas, sem por isso ser, fracturado e confrontacional.

Como e para que se tece este tear: opções metodológicas e objectivos

Como mencionado acima, a metodologia de pesquisa assenta, por um lado, na pesquisa da literatura produzida no *Sul*, dando particular atenção aos trabalhos de autoras e autores dos dois países; por outro lado, procura desenvolver um trabalho de campo de carácter etnográfico e qualitativo cujo núcleo central

¹² Cunha Teresa 2009, 'Understanding, in another way, Timor-Leste and Mozambique'. Accepted paper to the International Conference in Dili, 2-3 July, 2009.

¹³ É importante referir que a chamada economia informal constitui, pelo menos, 90% das trocas comerciais nestes países.

são as histórias de vida e narrativas biográficas que permitirão desvendar outros termos em que se colocam os tópicos em estudo, outras representações linguísticas e mentais, as emergências discursivas dos problemas e experiências. A análise dos discursos, a observação dos contextos de vida, a atenção dada à iconografia, manifestações culturais, artefactos produzidos e utilizados pelas mulheres são considerados suplementares à nossa abordagem. Por último, como é próprio de uma investigação-acção, é relevante assegurar não apenas propostas e recomendações para a intervenções posteriores mas também a participação activa das mulheres na pesquisa através dos métodos cooperativos de construção das histórias de vida, a redistribuição dos recursos da pesquisa formando e criando pequenas equipas locais de investigação que poderão dar continuidade a pesquisas feministas e, finalmente, procurar criar, com a comunidade interpretativa que se constituirá em torno do projecto, um serviço de apoio, aconselhamento e de animação comunitária.

Assim, os objectivos operacionais do estudo podem ser enunciados da seguinte maneira:

- Identificar e analisar as diferentes motivações, razões e tipologias do envolvimento das mulheres nas organizações de base popular e na economia dita informal: tarefas, papeis e responsabilidades;
- Identificar e analisar os impactos deste envolvimento nas relações de poder no trabalho e na família, nas competências desenvolvidas para participar mais na vida política e social, nas mudanças produzidas nas suas subjectividades;
- Identificar e tornar visível a pluralidade e a criatividade das iniciativas das mulheres;
- Perceber que mecanismos e ferramentas de autoridade e poder de baixo-para-cima têm vindo a construir;
- Envolver mulheres destes dois países na produção participada e cooperativa de um conhecimento comparado, com vista a apoiar quer medidas políticas quer as suas iniciativas de emancipação pessoais e colectivas;
- Finalmente, estimular uma discussão académica mais alargada sobre feminismos e pós-colonialismos colocando desafios às construções teóricas dominantes;

Arrematando as bainhas, lançando as franjas

Quanto aos fios da emancipação que as mulheres tecem todos os dias, a visão panóptica e totalitária da ciência iluminista ocidental de pouco nos serve para ver, entender, desvendar e relacionar as estratégias que são forjadas sob a mais dura e clandestina opressão ou sob a mais pública e bem sucedida campanha.

Podemos dizer que as mulheres, cada uma e em conjunto têm sido o grupo de pessoas humanas que mais sujeito tem estado, do ponto de vista histórico e planetário, a sistemas de opressão, vulnerabilização, silenciamento e violência. Não é pois de espantar que elas tenham desenvolvido competências de estreito relacionamento com a clandestinidade e aprendido a evitar o olhar e a visão.

Como nos chama a atenção, pela sua poesia Sophia de Mello Breyner, as mulheres aprenderam a obliquidade e sabem usar a obscuridade e a ambiguidade para construir as suas manhas, os seus disfarces e, também, os seus fios libertários.

Contudo as suas vidas e as suas experiências não são só de clandestinidade, obscuridade e obliquidade. E neste sentido que precisamos de mobilizar a ‘sociologia das emergências’ de Boaventura de Sousa Santos que nos ensina as enormes potencialidades do que *já está aí e ainda não é* reconhecido, visível, entendível, tematizado. No entanto, e seguindo o voo dos pássaros da poesia Macua precisaremos de lançar mão a uma ferramenta teórica que aqui chamaremos, provisoriamente, de *sociologia dos resgates* e que se preocupa com o lugar do passado no presente, redescobrimo e resgatando do tecido social e dos imaginários tudo aquilo que tem sido encoberto e olvidado mas que já mostrou ser útil, eficaz e capaz de se transfigurar em novos conhecimentos e tecnologias de emancipação pessoal e colectiva.¹⁴

Pensar assim a emancipação remete-me para o seu carácter performativo e exemplar. Uma para as outras, umas das outras, umas com as outras, as mulheres constroem as suas próprias formas de

¹⁴ Esta reflexão ainda em construção devo-a a André Cristiano José que foi a pessoa que com a maior subtileza e determinação me tem vindo a mostrar a urgência de resgatar as coisas comprovadamente boas que temos no nosso acervo de memórias recentes. A re-escrita das histórias nacionais nos nossos dias por imperativos políticos, identitários e outros, como nos lembra de forma contundente João Paulo Borges Coelho, está a fazer crescer o poder do esquecimento selectivo que nos reenvia para uma resignação e conformismo admiráveis para quem viveu, nas últimas três décadas o colonialismo, Guerras devastadoras, a Independência Nacional, a Revolução Socialista, o Ajustamento Estrutural e a liberalização e globalização da economia.

emancipação. O grande desafio permanece então no diálogo, no sentido mais profundo do termo, ou seja, como colocar duas ou mais racionalidades em inter-acção, a ler-se, a interpretar-se, a apaixonar-se sem que uma ou outra se mostre interessada e activa em se impor?

Proponho uma hermenêutica da responsabilidade mútua e uma hermenêutica da compaixão. Compaixão não no sentido de piedade mas no sentido de saber sentir com, ou seja, a competência humanizadora e plurilógica de não separar a investigação da acção, a mão do pensamento, a ética da vida, os princípios da existência concreta das criaturas.

Atrevo-me pois a afirmar que tenho como propósito a construção de um pensamento feminista pós-iluminista, não-imperial, humilde e aprendente cujas racionalidades, em diálogo, se descentram da visão normativa de várias maneiras e em variadas dimensões.

O meu argumento é que a emancipação das mulheres está intrinsecamente relacionada com o poder. Poder enquanto energia e força; poder enquanto competência e capacidade; poder enquanto autoridade, legitimidade e reconhecimento. Por isso estou procurando estudar a emancipação das mulheres através dos seus poderes.

A loja de tecidos

Amal, Teresa 2007, *Sete Mulheres de Timor – Feto Timor Nain Hitu*. Porto: AJP.

Arnfred, Signe 2002, 'Conceptions of gender in colonial and post-colonial discourses: the case of Mozambique', Paper for CODESRIA's 10th General Assembly on 'Africa in the Millennium', Kampala, Uganda, 8-12 December. http://www.codesria.org/Archives/ga10/Plenary/gender_arnfred.htm, consultado em 28/12/2005.

Arnfred, Signe 2003, 'Images of 'Motherhood' – African and Nordic Perspectives'. *Jenda: Journal of Culture and Women Studies*. ISSN: 1530-5686.

Casimiro, Isabel 2004, *Paz na Terra, Guerra em Casa. Feminismo e Organizações de Mulheres em Moçambique*. Maputo: PROMÉDIA.

Cristalis, Irena 2002, *Bitter dawn. East Timor a people's story*. London: Zed Books.

Cristalis, Irena; SCOTT, Catherine 2005, *Independent women. The story of women's activism in East Timor*. London: CIIR.

Cruz e Silva, Teresa 2002, 'União geral das Cooperativas em Moçambique: um sistema alternativo de produção?', in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Produzir para Viver. Os caminhos da produção não capitalista*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 401-434.

Cunha, Teresa 2006, *Vozes das Mulheres de Timor-Leste*. Porto: Afrontamento.

Cunha, Teresa 2008, 'Re-centering Margins in The Indian Ocean. Mozambique and Timor-Leste', in *International Conference on the Indian Ocean – The largest cultural continuum in the world*, Zanzibar Indian Ocean Research Institute (ZIORI) Dialogue between Civilisations, Zanzibar, 15-17th August. (in press)

Da Silva, Terezinha 2003, 'Violência Doméstica: Factos e Discursos', in Boaventura de Sousa Santos; João Carlos Trindade (orgs.), *Conflito e Transformação Social: Uma paisagem das Justiça em Moçambique*. Porto: Afrontamento, Volume II, 143-164.

Fleschenberg, Andrea 2005, 'Asia Women Politicians At the Top – Roaring Tigresses or Tame Kittens?', in IWANAGA (org.), *Women's political participation and representation in Asia: obstacles and challenges*, Copenhagen: NIAS Press.

GAPI 2002, Relatório do Gabinete da Assessora para a Promoção da Igualdade. Díli, (mimeo).

Manceaux, Michèle 1976, *As Mulheres de Moçambique*. Lisboa: Editora Arcádia.

Mondlane, Eduardo 1995, *Lutar por Moçambique*. Maputo: Centro de Estudos Africanos.

Mason, Christine 2005, 'Women, Violence and Non-violent Resistance in East Timor', *Journal of Peace Research*, 42(6), 737-749.

Meneses, Paula 2003, 'Agentes do Conhecimento? A Consultadoria e a Produção do Conhecimento em Moçambique', in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Conhecimento Prudente para uma Vida Decente*, Porto: Edições Afrontamento, 683-715.

Osório, Conceição 2002, 'Poder político e protagonismo feminino em Moçambique', in Boaventura de Sousa Santos (org.), *Democratizar a Democracia. Os caminhos da democracia participativa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 419-452.

Osório, Conceição; TEMBA, Eulália 2003, 'A Justiça no Feminino' in Boaventura de Sousa Santos; João Carlos Trindade (orgs.), *Conflito e Transformação Social: Uma paisagem das Justiças em Moçambique*. Porto: Afrontamento, Volume II, 165- 186.

Osório, Conceição 2005, *Subvertendo o Poder Político? Análise de género das eleições legislativas em Moçambique*. 2004. Maputo: WLSA Moçambique.

Quijano, Aníbal 2000, 'Colonialidad del poder, eurocentrismo Y América Latina' in Eduardo Langer (org.) , *La colonialidad del saber ; eurocentrismo y ciências sociales. Perspectivas latinoamericanas*. Buenos Aires: CLACSO, 201-246.

RDTL - GPI 2003, 'Seminários sobre a promoção da Convenção para a Eliminação de todas as formas de Discriminação contra as mulheres – CEDAW', Dili, 16 de Março, (mimeo).

Santos, Boaventura 2001, *Globalização, Fatalidade ou Utopia*. Porto: Afrontamento.

Santos, Boaventura de Sousa 2004, 'Do Pós-Moderno ao Pós-colonial. E para além de Um e Outro', Conferência de Abertura do VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, realizado em Coimbra, de 16 a 18 de Setembro.

Winters, R. 1999, *Voice of East Timorese Women*. Darwin: East Timor Support Centre.